



O Gaiato

PELAS CASAS

Quinzenário * 26 de Maio de 1984 * Ano XLI — N.º 1049 — Preço 7\$50

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador Padre Américo

Calvário

O tédio e a sua inseparável companheira, a tristeza, invadem de vez em quando aqueles aposentos. Os rostos de algumas doentes daquele pavilhão encarquilham mais nesses dias de apatia.

É preciso importar uma onda de boa disposição. É mesmo urgente levar um sopro de ar fresco para reparar e animar aquelas vidas paradas.

Não é fácil fazê-lo, quando sabemos que o pensamento daquela gente anda vagueando pelo passado, recheado de amarguras, desilusões, de abandono familiar.

Mas há que tentar. E tento mesmo. Pego em duas crianças, totalmente dependentes de outrem, e coloco-as naquele meio sombrio. O remédio produz efeito imediato: As querelas morrem. A tristeza mais a apatia somem-se. E a alegria retorna. Todas querem neste

momento ser mães e irmãs das pequenitas. Disputam o vestí-las, o lavá-las, o dar-lhes de comer, o fazer-lhes mimos. As duas crianças — a Tina mais a Rosária — estão espantadas, de olhos arregalados com todo o buliço em torno. E riem como nunca riram!

Não será porventura este o caminho mais direito para se transformarem os lares ditos da terceira idade em casas mais alegres, em casas de família, onde os velhos se tornem a ver pais e avós; onde as crianças encontrem a paternidade perdida ou momentânea, mas forçadamente ausente?

Unir lares da terceira idade com creches ou jardins infantis é caminho novo, por certo, mas talvez o mais adequado para o equilíbrio que todo o ser nascente ou cadente precisa.

Quem melhor do que aquelas que já foram mães e avós

são as pessoas indicadas para cuidar de crianças?

E qual é a criança que não prefere o colo da avó ao da funcionária, quando esta é apenas alguém que cumpre horários? Mesmo a técnica aliada à boa vontade não superam o traqueio de quem criou filhos e netos.

Sujeitar as crianças ao horário dos adultos, pelo facto de terem de ir para a creche, no levantar, no ir para o local de trabalho dos outros, no comer fora, no regressar a casa, metendo-as precocemente na engrenagem do stress de que todos se queixam, é certamente mal menor do que deixá-las abandonadas de todo em casa, nas horas de trabalho dos pais.

Mas a melhor compensação para este mal menor julgo ser a presença descontraída dos idosos junto daquelas, tendo estes todo o tempo e disponibilidade à sua frente, bem como o peito cheio de amor e carinho para comunicar a quem reflecte a imagem cândida dos netos que tiveram ou gostariam de ter tido.

Padre Baptista

NOTAS DA QUINZENA

● Não mais tiveram medo ou dúvida depois que viram o Senhor e partiram logo para darem a notícia.

Eram caminhantes sem esperança. As suas próprias preocupações e uma ideia falsa do verdadeiro rosto de Jesus, esconderam-no a seus olhos. Não O reconheceram. No seu conceito, o Senhor não podia ser um caminhante entre duas cidades; um sinistrado que vai ter ao hospital; um ladrão na cadeia; um leproso de campanha na mão, em covas escondidas. Esperavam beleza, poder e domínio.

Tantas vezes, também nós, nos deixamos embalar e — seguindo pegadas falsas — chegamos a um falso monte.

— Quando Te vimos nu ou com fome? Nunca nos passou pela ideia que era esse o Teu verdadeiro rosto! — diremos nós.

Estejamos bem atentos para sempre conhecermos o Senhor! E, decididos, como os dois de Emaús, dizermos a todo o mundo: — Vimos o Senhor!

● Todos os anos, no rigor do Inverno, subo ao Planalto Mirandês para estar com o Padre Francisco. Sentados os dois nos escanos, ao calor das brasas de carvalho, bebo, num encantamento, em seu olhar de menino-grande, a seiva que transborda em alegria pelo serviço do Senhor. Ficou sózinho no meio duma dúzia de aldeias. A tentação das aulas, do cansaço e do desânimo não o afastou do verdadeiro rosto de Jesus.

Renunciou a tanto! A si próprio e aos brilhares humanos... Continua em suas paróquias a ensinar e a baptizar. **«Ide...»**

Com a pureza das nascentes nos primeiros tempos — assim ele continua a dizer aos seus povos que viu o Senhor e que não devemos perder a esperança.

● Também uma Irmã de Ordem rica e com muitos colégios **«bem»**... Ela, porém, fez um rombo no muro: alugou, numa rua dum bairro pobre, uma casinha modesta e, embora ligada à sua Ordem, começa na sua rua a dizer e a afirmar com palavras e vida: **«Vi o Senhor! Ele está vivo e bem presente no meio de nós»**.

● Dois factos reais! Arrojo de dedos que nos apontam o Caminho!

Chegou a hora, e é esta, de gritarmos bem alto a nossa novidade. Ai de nós se ficarmos mudos e insensíveis aos apelos ansiosos que vêm de tantas Paróquias abandonadas pelos seus Pastores!

Nos montes e nos vales, o Povo de Deus clama...

Padre Telmo

SETÚBAL

A defesa das crianças abandonadas é o tom comum a todos os exemplares de O GAIATO e o centro de pregação dos Padres da Rua — desde que a Obra da Rua iniciou os primeiros passos.

Se não fora os milhares de rapazes que com uma acção determinada temos roubado às malhas do sub-mundo, quase teríamos razão para desanimar. É que me parece estar cada vez mais longe ainda o ideal da Obra da Rua: transmitir à sociedade e aos seus principais agentes a defesa primária dos direitos da criança e do homem pobre e abandonado.

O sistema de liberdade sem responsabilidade — a que parece nos termos acomodado — cava brutalmente a destruição do próprio homem. Os sistemas de segurança falham porque se criaram sistemas de anti-segurança e a acção dos agentes — que deveria ser determinada e segura — falha redondamente, criando ainda em

alguns conscientes uma desoladora frustração.

No terceiro domingo de Pascoa, pelas 14 horas, levado pela avó de quatro crianças órfãs de pai, fui visitar a imunda barraca que as acolhia, no Porto da Lama, arredores do Montijo. As crianças — duas meninas e dois meninos — comiam, àquela hora, pão barrado com tulicreme, de mãos nojentas, boca imunda e corpo recamado de surro. Estavam nuas, de cabelo empastado. A mais velha das meninas, de seis anos, fora já objecto da cobiça aberrante de um tarado, dos muitos que agora abundam. A mãe, rigorosa e esmeradamente vestida, preparava-se para sair. Trabalha em bottes e vive do negócio de si mesma. Não lava, não alimenta, não cuida da roupa nem de nada dos seus desgraçados filhos. É uma pedra fria para as duas crianças! Dormia em cama de lençóis com outra colega, enquanto os filhos se

amontoam no chão com farrapos durante o sono. Como eu

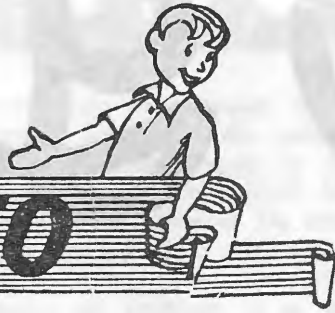
Cont. na 4.ª pág.



A defesa das crianças abandonadas é o tom comum a todos os exemplares de O GAIATO e o centro de pregação dos Padres da Rua — desde que a Obra da Rua iniciou os primeiros passos.

PELAS CASAS

DO GAIATO



Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Agora vem lá a procissão de Amigos que, de perto e de longe, não esquecem os Pobres. São muitos os que precisam — no aspecto material — com a subida permanente do custo de vida: mais de 30%. É muito! Quando aliviarão o círculo vicioso? Não tardará, porém, a haver novo *tombo* nos bens essenciais e quem sofre tudo isto, dolorosamente, são os Pobres mais pobres. A verdade é esta! Não se pode encobrir com lérias.

É uma senhora do Minho, leitora d'O GAIATO e nossa amiga há muitos anos, que já lhe pesam é evidente, mas supera tudo com um sorriso nos lábios: — *Ai têm cinco contos prós vossos Pobres*. Nossos, sim senhor! Há tempos, algures, não gostavam muito do possessivo... Ai de nós se não fazemos nossos, os Pobres...!

Lisboa: «*Em cumprimento de uma promessa envio um cheque para os Pobres da Conferência*». A partilha mensal de «*Uma assinante de Paço de Arcos*». Nunca falha! Demos graças a Deus pela perseverança — há muitos anos! Roupa entregue no Lar do Porto e «*janelas para o Património dos Pobres*». Uma delicadíssima oferta da Avenida de Roma, Lisboa, deu-nos muita alegria pelo amor posto em tudo quanto chegou. Não falando, já, da sua oportunidade! Presença por «*alma de Quitéria — minha querida mãe*». Votos espirituais firmados na fé! Os habituais 10 rands, de Durban (África do Sul), «*para ajudar quem tanto precisa*». Por fim, dois contos da cidade dos Arcebispos: «*Todas as minhas ofertas têm sido sempre para as Viúvas com filhos*. No entanto, façam como entenderem. Repartam ao vosso gosto». Normas cristãs, «*do Manuel de Braga*», que não espartilham qualquer acção, pois a caridade é oportuna — e importuna. Temos Viúvas que seriam miseráveis..., não fosse a presença assídua dos nossos Leitores! E, por isso, os donativos que tencionem oferecer, serão dirigidos à *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — a/c do Jornal O GAIATO — Paço de Sousa*.

Para todos, um muito obrigado — em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — A nossa equipa de futebol está agora empenhada num torneio, organizado pelo F. C. Paço de Sousa, o qual ganhámos no ano passado.

Parece que entrámos com o pé esquerdo: no primeiro jogo empatámos

com o S. Lourenço por 2-2! A partir de agora vamos ter que jogar com mais cuidado...

Também queríamos avisar os nossos Leitores, responsáveis por algumas equipas interessadas em vir cá jogar connosco, que agora não podemos defrontar ninguém por causa do torneio em que estamos a participar.

OBRAS — Como participamos no torneio de futebol, agora surgiu a oportunidade de principiarmos obras no nosso recinto desportivo, isto é, procede-se a um aumento da sua área.

Estas obras demoram algum tempo e, a seguir, haverá muitas mais a fazer!

FESTAS — Para já não temos mais Festas. As duas últimas foram em Amarante e Coliseu do Porto (repetição da primeira). Tivemos êxito, embora a de Amarante não correspondesse ao que é habitual. Foram três anos de intervalo. E quem não aparece, esquece...!

José Carlos

Setúbal

MARINHO («TÉ») — Foi uma das prendas que o sr. Padre Acílio

SUL

Além do «Setúbal», inserido em primeira página (safu a ferros!), o Padre Acílio — na sua qualidade de Padre-Pai — desejaria acrescentar, pelo seu punho, algo mais sobre as nossas Festas naquela região, particularmente o gosto dos seus filhos na acção que decorre. Não foi possível. Paciência!

A notícia não fica, porém, omissa; pois são notícia as Festas anunciadas para Cabanas, Pinhal Novo, Azeitão, Casa do Gaiato de Setúbal e Amora; lume novo que os festeiros querem atear entre Amigos (e desconhecidos) em salas repletas de calor humano.

Júlio Mendes

CENTRO

Já começámos as Festas no Centro do País. Não vamos à Figueira da Foz nem a Leiria, porque as salas estão em obras.

A primeira Festa foi em Miranda do Corvo, para os nossos conterrâneos. A sala cheia! Gostaram. Gostam sempre!

Depois, Coimbra à tarde e à noite. A tarde encheu, embora em má altura: fim de férias. Jantámos, depois, no Lar de Coimbra; mas, antes, participámos na celebração da Eucaristia, presidida pelo nosso Padre Horácio, com a presença de Amigos e de alguns dos nossos já casados. A noite, a sala um pouco mais vazia, mas o calor do público era o mesmo da tarde. Os «Batatinhas» foram os mais «mimados» em palmas e guloseimas que os Amigos deixaram nas capas, à saída. Os conimbricenses (e não só) gostaram muito!

No fim-de-semana foi na Beira: duas Festas na Covilhã, depois no Fundão e em Castelo Branco.

Na Covilhã, Festa à tarde e à noite. Aquela para as crianças — à excepção de um ou ou-

FESTAS

tro mais velho — que encheram a sala. Uma Festa alegre, embora com muito barulho da assembleia, o que tornou difícil a actuação. Mesmo assim, gostámos de estar com eles. Depois, a refeição acompanhada por Amigos da Covilhã. A noite a sala encheu, também, de público — o já estamos acostumados. No fim, uma merenda que os nossos Amigos prepararam e nos consolou!

No Fundão, tal como em Castelo Branco, salas menos cheias; porém, os espectadores cresceram de entusiasmo e aplaudiram e acariaram-nos muito. Actuámos à tarde.

No fim da Festa, no Fundão, jantámos no Colégio de S. José — em convívio com os rapazes pertencentes àquela instituição, o que nos fez sentir em família — e em Castelo Branco numa Instituição religiosa. Comemos, com apetite, a apetitosa refeição que nos serviram.

Completámos a nossa visita aos Beirões e esperamos poder estar assim com eles todos os anos.

Já foram sete. Faltam outras tantas Festas. E o caminho percorrido dá-nos alento para continuar. Deus nos ajude a levar a mensagem da Obra da Rua através das nossas Festas!

Chiquito-Zé

NORTE

RESCALDO — Fechámos a digressão programada e não falta quem insista por Festa noutras locais da região Norte!

Já tencionávamos publicar uma nota final, à laia de balanço ou rescaldo das Festas. Quem anda por lá, entre público e bastidores — por dever d'office — não fica imune

foi buscar à barraca, em época de muito inverno. Era bebé, e, por isso, foi um mimo para o instinto maternal da D. Maria Odélia, que passou a ser a sua mãe.

Ele é de raça cigana. Um amor de criança! Flor nascida na lama, e transplantada em jardim, onde há jardineiro e condições para tratar dessa flor.

Durante os anos que esteve connosco não deixou de ser «rei», apesar doutros mais pequeninos que vieram. Ele foi crescendo em idade a par do desenvolvimento da mentalidade. Já andava na escola. Tudo muito normal, até que um dia destes a mãe de sangue veio buscá-lo às escondidas. O sr. Padre Acílio rebuscou por aqui e por ali até saber do seu paradeiro. Miséria! A flor voltou para a sujidade. A mãe tem uma história. O pai, outra. Um para cada lado. E ela a viver com outro...

O Marinho l anda a viver na promiscuidade, num mundo a que não estava afeito. Foi um roubo que nos fizeram e ninguém dá fé: nem legisladores nem magistrados nem autoridades nem nada!

Tantas palavras perdidas, tanta saliva gasta em discursos, e não há uma voz que se levante a favor da criança, que, não tendo pais competentes, é obrigada a mirar nas choças. Oh, sociedade que não queres ver a lama que constróis! Quando dás por ela já os campos estão cobertos de joio e as flores que então eram lindas e vistosas, flores com corpo e espírito, são amarrotadas e espezinhadas.

E, no entanto, toda a gente (bem instalada) deita prò ar baforadas de discursos sobre os direitos da criança!...

Pois meus senhores e minhas senhoras, tragam-nos alguém que passe da palavra à acção e, também, o nosso «TÉ», o nosso Marinho. Esperamos que alguém levante a voz, por amor à inocência e à candura desta e doutras crianças que nos têm sido «furtadas» por via de não estar a sua tutela legislada. Nós não somos contra o amor dos pais; somos, sim, contra a perda dos filhos.

Ernesto Pinto

— Olhem p'ra eles. Ainda têm cara de fome!...

Naquela onda d'alegria e solidariedade aparece uma senhora de meia idade, enamorada da Obra da Rua, que deseja oferecer a sua vida ao «Lixo das ruas»:

— Eu dou conta de toda a vida doméstica... Até sei costurar!

São tão precisas Mães em todas as nossas Comunidades, que a oferta desta senhora suprirá carências. Só é pena não haver outras Mulheres (com M de caixa alta) absolutamente disponíveis, que decidam entregar-se incondicionalmente à missão de servir gerações e gerações de gaiatos que nunca usufruíram carinhos maternos. Servir de Mães sem hábito ou outros acessórios que as distingam do comum dos mortais...

Sobretudo no fim da Festa, almas cheias, cheinhas!, aquilo foi um mundo de beijos, d'abraços, de carícias, de comentários, d'amizade sem conta nem medida!...

A Empresa Artística do Coliseu do Porto cedeu a sala — para as duas sessões — ao preço da chuva! Nos dias d'hoje, em que estas empresas sentem uma diminuição de espectadores — confirmada nas estatísticas oficiais! Referimos o gesto que mereceu uma calorosa ovação dos nossos Amigos presentes. Mas para além dos naturais encargos da sala, para nós gratuitos, acentuámos a disponibilidade, a amizade e a generosidade dos Trabalhadores que, naquele domingo, depois de atenderem outros, à noite, compareceram cedo com óptima disposição — para nos servir! Além do mais,



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Nos últimos meses, a expansão d'O GAIATO foi em ritmo veloz — na região norte do País!

A segunda Festa no Coliseu do Porto — como a primeira — abriu as portas da alma a dezenas e dezenas de Amigos que ainda não recebiam O GAIATO em suas casas. Outros houve, com lágrimas nos olhos — lágrimas de felicidade! — que levaram impressos da campanha de assinaturas com a promessa de incendiarem a sua roda de amigos. Achas que farão Lume por aí além, em corações que pouco sabem da Obra da Rua, muito menos d'O GAIATO, e, assim, ficarão sintonizados no nosso comprimento d'onda.

A saída do Coliseu do Porto, mais uma vez, as capas negras dos Padres da Rua recolheram muitas propostas de novos Assinantes da capital do Norte e das terras de Gaia (Candal, Mafamude, Oliveira do Douro, Valadares...), de Gondomar (Fânzeres, Rio Tinto...), da

Maia (Moreira, Pedras Rubras...), de Matosinhos (Custóias, Leça...), de Espinho, Póvoa de Varzim e outras de perto e de longe.

Nesse dia o nosso Padre Telmo pregou O GAIATO às comunidades de Barcelos. Trouxe rentinho ao coração mais de quatrocentos novos Assinantes e muito, muito carinho dos barcelenses para a Obra da Rua. Uma brisa divina — qual explosão de sobrenatural, diria Pai Américo — soprou naquela bela terra minhota, nas margens do Cávado, onde os braços daquele povo se dividem entre o amanhã das terras que nos dão o pão e o típico vinho verde — único no Mundo! — mai-lo trepidar das unidades industriais. O pregão d'O GAIATO ecoou em almas recolhidas no silêncio das igrejas — à sombra da Cruz — e foi o milagre da multiplicação de novos Leitores do «Famoso».

Com este forte empurrão — mais a procissão que diariamente chega de vários pontos

do País — a tiragem da edição anterior ultrapassou os 52.000 exemplares e já temos mais de 30.000 Assinantes!

Agora, são os estandartes da procissão. À frente, com «um abraço em Jesus Cristo», alguém oferece «O GAIATO — página viva do Evangelho — a um jovem, como presente de aniversário». Foi logo!

Outra presença, do Porto, no reino da juventude:

«Estas assinaturas resultaram de uma acção na 100.ª Lição... Que o Senhor faça frutificar a Sua graça na alma destes jovens através da leitura d'O GAIATO.»

Uma aula prática, eficaz! E um exemplo de como é necessário, e fundamental, dar à juventude a oportunidade de se inquietar, espiritualmente, com os problemas dos Outros — que não têm voz.

Guarda:

«Sinto-me muito feliz por ter conseguido dois novos Assinantes para O GAIATO. Isto quer

houve quem oferecesse, heróicamente, o seu dia de folga! E ouvimos confidências, também:

— Quando me deito, não me esqueço de vocês nas minhas orações. Lembro sempre, com saudade, o Pai Américo: de capa aos ombros, agarrado a vós, aqui, à saída do Coliseu, com muita gente à volta, bem disposto, a ouvir todos os que s'abeiravam dele, de vós!

Não olvidamos mais um cujos dois filhos — amores do seu coração — retidos algures, onde houve Festa, insistiram que dessemos um grande abraço, nesse dia, ao pai.

Para nós foi, talvez, no meio daquele mundo, o momento mais alto! Esteve conosco e cumpriu a sua missão — em generosidade total!

Quantos não tiveram medo à chuva nem ao vento, suprimam, calorosamente, os que faltaram em Amarante. Compareceram ali muitos jovens, também! E assim como no Porto, a Empresa do Cine-Teatro amarantino e os Trabalhadores deram-se as mãos e foi tudo ao preço da chuva — com muita amizade!

Só nos resta, por fim, dar graças a Deus.

Júlio Mendes

Queima das Fitas

Todos os anos, por esta altura, um grupo dos nossos, mais pequenos, colabora na Queima das Fitas da Universidade do Porto. Acompanhados por dois estudantes, cada um vai de rua em rua, loja em loja, vendendo capinhas cujo produto reverte para a nossa Obra.

Ao fim do dia ainda assisti à chegada, ao cansaço deles e à ordem que presidiu ao desfecho das horas e das contas. Notei um cuidado especial de boa organização, do princípio até ao fim, naquela acção que também nos pertencia. Dizia a moça mais responsável: — Este é o dia em que se faz algo de muito sério; por isso, quero tudo direitinho! Ótimo! É bom, e cada vez mais urgente, que os futuros doutores ponham os seus canudos ao serviço dos verdadeiros valores da Solidariedade Humana, da Justiça Social e doação aos Outros — os mais Pobres, em primeiro lugar. Este é o maior e melhor canudo. E nada e ninguém o destrói ou suplanta!

Ora, o «Azeitona» gostou tanto de ir à Queima das Fitas que, no dia seguinte, fugiu! Vamos ver se isto não passará das fitas e dos sonhos da ilusão. O irmão mais velho veio desafiá-lo — e levou-o. Mas eles não têm ninguém, embora pensem ou lhe digam que sim! É também assim a sua «queima das fitas». Isto é de ontem e de hoje. Faz parte das nossas tradições. E só muito se admira quem muito pouco nos conhece. Foi, é e será assim a nossa «queima das fitas» — as nossas queimadelas!

Padre Moura

dizer que trabalho pouco, mas amo muito a Obra da Rua.»

Évora:

«Tem sido difícil conseguir assinaturas para O GAIATO, pois aqui é pouco conhecido — e até a Obra da Rua.»

Só agora, depois de lhes ter mandado os jornais que recebem e assim ficaram a conhecer a Obra, consegui a assinatura de três amigas.

(...) Sou viúva e tenho 70 anos, mas ainda me vou mexendo como posso e tenho pena de não ter mais possibilidades, que a pensão é pequena.

Gostaria que mandassem já, para as minhas amigas, O GAIATO desde o n.º 1045 in-

clusivé! — pois está muito bom...»

Na Festa em Amarante, e, depois, pelo correio, mais alguns Assinantes novos daquela região. Lisboa, uma data deles, também. Mais Castelo de Paiva, Seixal, Pintéus, Lixa, Setúbal, Leça da Palmeira, S. Mamede de Infesta, Aljustrel, Alcáideque (Condeixa-a-Nova), Carcavelos, Areosa, Torres Vedras, Vila Meã, Gafanha da Nazaré, Aveiro, Aguas Santas, Trofa, Braga, Laranjeiro (Almada), Baião, S. João da Madeira, Portalegre, Amora, Amadora, Feijó, Vila Franca de Xira e Oliveira de Santa Maria (Riba d'Ave).

Júlio Mendes

Histórias

■ Não por devaneio, mas por paixão, nós somos colecionadores delas.

Os próprios Rapazes as vão contando nos seus «Retalhos de vida», tão apreciados, eu sei. Não resisti, pois, a esta, descrita por uma criadita dos Pobres (Eu escrevo como ela: criaditas com minúscula, Pobres com maiúscula — para não profanar a grandeza da Humildade), por uma criadita — dizia — que a viveu e sofreu antes de no-la passar; e por isso a apresenta como quem reza um hino de louvor e de acção de graças à Bondade do nosso Deus.

Como seria diferente, que fecunda seria a função social se todos os seus agentes a abraçassem em espírito de missão, com o compromisso ardente de redenção!

«O T6-Zé ocupa o 3.º lugar numa família de quatro filhos: Maria, a mais velha; Aida, agora nas Irmãs do Bom Pastor; e Glória, a mais nova, ainda sem idade escolar. O chefe da família faleceu há 5 anos.

O ambiente em que vivem é pobre em muitos aspectos:

Económico — pelo facto de ser só a mãe a ganhar o escasso ordenado mínimo nacional. Educativo — muito deficiente, não só pela falta do pai como agravado pela brandura da mãe que tudo deixa fazer. Social — vivem num bairro de barracas com tudo o que este meio implica.

Foi assim, com este pano de fundo, que o T6-Zé cresceu e tem vivido. Suas irmãs mais velhas, indolentes e desleixadas por temperamento, não frequentavam a escola com assiduidade, não tendo por isso aproveitamento escolar na idade própria. O pequeno, com estes estímulos, cedo começou a fazer o mesmo. A mãe, antes de ir para o trabalho, arranjava-o, mas mal saía de casa ele metia-se novamente na cama até ao meio dia. Outras vezes a mãe levava-o junto ao portão da escola, mas ele fingia que entrava e mal a mãe vi-

rava costas, ficava em qualquer sítio na brincadeira. O T6-Zé frequentou algum tempo a casa das criaditas dos Pobres, na Falagueira. A sua frequência era reduzida. Por mais que as irmãs visitassem a família, pouco ou nada conseguiram neste sentido.

Porque surgiu a ideia da Casa do Galato? Nos fins de Janeiro, a mãe do T6-Zé envenenou-se, desanimada da vida, sem forças para educar os filhos, para mais com a vida dura que hoje defronta quem é pobre. A filha mais velha, junta há tempo com um rapaz, abandonou-o e andou pela rua na vida triste de quem não encontra rumo algum senão na lama. A segunda deixou totalmente de ir à escola, apesar do muito interesse que a professora lhe dedicava. Era agora também o T6-Zé que saía de casa, aparecendo, nela, altas horas da noite sem se saber onde procurá-lo.

Hospitalizada a mãe, entre a vida e a morte, veio a avó materna tomar conta dos netos. Mulher de 64 anos, mas com mais energia que a filha, viu a situação concreta da família e abordou as criaditas dos Pobres no sentido de encontrar casa onde o T6-Zé e a Aida fossem educados enquanto era tempo. Falou-se com a mãe, ainda no hospital, e esta achou bem a ideia.

Foi nesta hora de incerteza sobre a vida da mãe e da preocupação sobre o futuro desta criança que as criaditas dos Pobres bateram à porta da Casa do Galato e esta com o seu coração sempre pronto, como o Pai do Céu para os Seus filhos, para o T6-Zé se abriu. Por tudo isto: Demos graças ao Senhor.»

■ Ontem à tarde, pelo telefone, ela pede-me que a escreva. Pôde ser logo. Uma mulher de meia idade, um pouco gasta, se apresenta... «sem saber como principiar». Afinal, soube; e disse com sobriedade tanto quanto era preciso para

Cont. na 4.ª pag.

CENTRO

MAIO

26, às 21.30 — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE

27, às 15.30h — Teatro Alves Coelho ARGANIL

JUNHO

1, às 21.30h — Cine-Teatro da LOUSÃ

2, às 21.30h — Cinema Messias — MEALHADA

8, às 21.30h — Teatro de ANADIA

SUL

MAIO

28, Sociedade das CABANAS

JUNHO

2, Bombeiros Voluntários de PINHAL NOVO

8, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense AZEITÃO

9, Casa do Gaiato — Algeruz — SETÚBAL

20, Sociedade Operária Amorense — AMORA

PARTILHANDO

□ Pouco depois de escrever sobre as fitas do «Azeitona», toca a campanha do nosso Lar, no Porto. Era ele e o irmão mais velho — o «Cadete» — que pediam para os deixar voltar. Do primeiro não tínhamos dúvida. Do segundo, sim... Há quase um ano que fugira da nossa para a casa da avó e só agora lhe deram as saudades... Perguntei o que fizera durante todo este tempo, onde ficara, que vícios apanhara. Disse: Que num barraco e nunca roubara nada com o medo de ir para Custódias... Contudo, a rua tem sido o seu forte e tem feito os seus estragos, aos dezasseis anos! Agora, e aqui, é muito problemático o seu ingresso e readaptação. As experiências feitas assim, têm falhado. As nossas dúvidas são, apenas, por causa do «Azeitona». Mas também é uma espécie de dois gumes: Será melhor ou pior ficar ou não ficar? Ai estas dúvidas — sinais da nossa fragilidade — que nos fazem cabelos brancos!...

Fiquemos pela dúvida, esperando alguma certeza que nos venha ajudar!

□ Um dos nossos rapazes que trabalha fora, chegou quase a meio da semana, dizendo que durante aquela não trabalharam. Agora, logo, e sempre, a riqueza de uma casa vai diminuindo — e o mal cai em cima de nós todos...!

Contou-me o próprio que viu e ouviu num país dos mais evoluídos, que os trabalhadores, em geral, demonstram a consciência do trabalho e dos seus

direitos através do aumento da produção em função da defesa do salário ou de outros valores importantes. Isto é, se for possível produzir mais, impõe-se ganhar ou defender mais. Eis um país desenvolvido, a Oriente sim, mas no outro lado do Mundo!

Ouvi ontem, numa reunião, que alguém de um sindicato criticava a nossa Obra por explorar o trabalho dos rapazes! Quem assim fala, desconhece-nos ou tem intenções estranhas ao nosso viver. Qualquer família pobre e mínimamente educada, educa os seus filhos no amor do pão ganho com o suor do trabalho, da responsabilidade e da liberdade; no respeito pelo trabalho dos outros e pelo seu bom nome; no esforço do bom cumprimento de suas obrigações como estímulo de crescimento, na consciência do dever. E se tem Fé, também no amor a Deus e ao Próximo. A educação dos direitos vem sempre por acréscimo e deve aparecer em consequência. Fazê-la, exclusivamente, por princípio, é um mau princípio com um péssimo fim.

Por isso, queremos que os nossos «Batatinhas» aprendam já a saborear o pão, as batatas e a fruta não só com a boca, mas também com as mãos. E que sabor! Nunca tem falta de apetite! Esta é uma das boas explorações que fazemos para a formação e promoção social do «Lixo das ruas» — e do País que somos.

□ As nossas Festas estão no fim e os «Batatinhas» ti-

veram um papel muito importante! Encheram de palmas, e lágrimas de alegria, as plateias por onde passaram! São os mais pequeninos! De entre eles, um é ainda o mais pequeno — o Lito. Por onde andou nunca se enganou. E ai dos outros se falhavam! Não perdoava: Saía logo um beliscão ou pontapé, mesmo em pleno palco! Por isso, recebem palmas, rebuçados, elogios. Agora, que as Festas estão no fim, ganhou uma proa de importante e distante! Passa por nós e já não olha como dantes, nem fala em coisitas banais como falava! Algo mudou... Os seus cinco anitos são já a expressão de como se pode descer — subindo aos palcos da vida! Nele, tudo lhe fica bem, até o seu ar de importante, porque é pequenino! Por ele,

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

lhe ralhasse porque não lavava as crianças, respondeu-me em palavras que retenho nos ouvidos como uma acusação inesquecível — Eles são piores que os bichos, o que queremos é a morte. Nunca na minha vida tinha ouvido tal monstruosidade! Nunca uma mulher-mãe me merecera tanta compaixão! Chegou onde não chegam os irracionais! Mas os antros de degradação multiplicam-se aos olhos de todos e ninguém se levanta! Não existe autoridade nenhuma que vigie e acuda a crianças em transe como este! Toda a gente se demite! As crianças ficam entregues à sua «triste sorte»!

Que admira que os pais vendam, exportem, matem ou degradem os seus próprios filhos? Que admira?

Se os pais não têm capacidade? Se os responsáveis se encolhem ou se demitem; se a lei pisa com os seus próprios pés a sua vigência, que admira?

Ontem, caminhava eu para um hospital de Lisboa visitar um jovem meu, de quinze anos, que fora encontrado pela Polícia com a mãe doida na prostituição nas ruas do Porto, tendo ele apenas três anos. Não levava afixado no veículo o selo do imposto. O carro ficou imediatamente apreendido, mesmo depois de eu aduzir que estávamos isentos, que iria buscar o selo e que o fisco nada teria a perder com uma Obra destas. Lei é lei. Quem dera que assim fosse nas circunstâncias humanas! Quem dera que a autoridade interviesse com a determinação ali exibida nos casos de abandono e corrupção de crianças, mulheres e abandonados! Todos bateríamos palmas!

Padre Carlos

Padre Acílio

para vós, a nossa gratidão.

□ Mais dois casos nos bateram à porta!

O primeiro — mãe nova, vestida de preto, com a filha e duas vizinhas. O marido faleceu num acidente de trabalho. Pergunto pelo seguro e penso de sobrevivência. A resposta safu na ponta da língua:

— Meti já a papelada, mas agora terei que esperar um ou dois anos até receber... E o que me vale são os meus vizinhos amigos.

É verdade! Papéis e burocracia não faltam! É uma face da nossa pobreza de segurança social! Adia-se, descontraidamente, o inadiável: o pão de cada dia! Perdoa-se, facilmente, o maior pecado de sempre: não matar a fome ao faminto! Por amor à Justiça devemos evitar e denunciar as injustiças. E, por causa destas, viver

Do que nós necessitamos

Se não acreditasse na Verdade do Evangelho de Cristo, não escreveria estes testemunhos. Eles queimam e são tão flamejantes que se ateiam a quem lhes toca. E nem quero acreditar que os contributos que nos chegam, todos os dias, sejam apenas simples esmolas ou simples gestos de bem-fazer. Um cristão consciente não distribui tostões, mas contribui com amor; reparte com caridade; ama os seus irmãos e não os rebaixa com «esmolinhas». O que distribui deve fazer luz no seu coração; de contrário é coisa morta.

«Sou uma viúva que tenho a pensão de sobrevivência e o carinho dos meus dois filhos e vejo que há quem precise mais do que eu e por isso aqui vão 500\$00.» Há muitos cristãos que amam como os da primeira hora. É esta Viúva e tantos outros como ela que aguentam a nossa Obra.

Migalhas de 50\$00, 200\$00, 500\$00 e mais 5.000\$00 — não sabemos de quem. Anónimos do Porto. 7.500\$ de Évora. Fundão, 250\$; e outro tanto de Anadia. Paredes, aqui bem pertinho, 450\$00. S. João da Madeira, oferta de roupas muito boas. Para a mercearia dos nossos Pobres, 2.000\$00; Alexandre, das Caldas da Rainha, 200\$; Albino Santos Araújo, Lda. 1.500\$; A. Oliveira, a mesma quantia; com pedido de orações, uma Rosa com 2.000\$00; Ivone, da capital, também acredita no poder da oração e manda 10.000\$; Odete, do Porto, 1.500\$; por alma de Manuel, 5.000\$; Margarida, de V. N. Gaia, 500\$; Paiva Boléo, 100.000\$00; asso-

a Caridade — o amor a Deus e ao Próximo. Eis o maior Mandamento! E toda a Lei aqui se resume. Por isso, dizia aquela mulher sem marido, sem pão: — O que me vale são os meus vizinhos amigos...!

O segundo caso: Uma mãe preta com uma filhita mulata ao colo. O pai, talvez branco só na cor da pele, abandonou-as. E ela traz, no rosto, o ar mais infeliz — de mulher, mãe e esposa — despojada de qualquer esperança. Denegrada e só com a filhita mulata nos braços. Abandonada, longe da sua terra verde e fértil — caída na berma destes nossos caminhos poeirentos! É o abandono que aumenta; o divórcio que se acomoda; o aborto que se instala na vida! São os homens que teimam ser o que não deveriam ser! Oh, mães pretas e brancas com filhos abandonados!...

Padre Moura

Histórias

Cont. da 3.ª pág.

avaliar da situação.

Iniciada aos 12 anos, pela própria mãe, na prostituição, nela e dela sempre tem vivido, nem vê como deixar de viver. Há anos está junta a um homem de quem tem três filhos e tem mais um, só dela, agora com oito anos. É este o caso, caso desgraçadamente trivial, do «enteadado» no meio dos filhos.

O pequeno está no Hospital da Estefânia onde baixou por violências sofridas do «padrasto». «Nem é a primeira vez» — me disse. Ela recebeu ordem para o ir buscar, mas o pequeno não quer vir para casa e pede-lhe que o dê a alguém, antes que voltar para o martírio físico e moral que tão duramente tem sofrido na pele e na alma. Ela não tem a quem o dar. Aos oito anos não é fácil achar quem lho receba. Tem adiviado a ida ao Hospital, mas lá não é lugar para o deixar nem lho permitem. Vinha, pois, em diligência extrema, pedir

que lho aceitássemos. Ela dava-no-lo.

Não tive tempo de confirmar todo o relato; apenas o suficiente para saber de uma Religiosa — que várias vezes lhe tem dado a mão — que o essencial é verdadeiro e este é o que diz respeito à criança, vítima inocente de outras vidas sem rumo.

Oito anos. Nunca andou na Escola... Mas a vida ensinou-lhe uma experiência que oxalá nunca ninguém aprendesse. Não sabe uma letra... Mas já saboreou o tédio de viver.

— Mãe, dê-me a alguém!

«Não é fome de pão nem sede de água», cantou-se hoje na Missa que celebrei. Também não é desta fome nem desta sede que ele se queixa... e talvez as tenha já sofrido! Fome de amor, sede de estabilidade, fome e sede de paz.

Saberemos nós saciá-lo?

Que Deus nos ajude e ninguém no mundo nos perturbe!

ciada ao Jubileu do Ano Santo, 5.000\$; a pedido de uma doente de Ilhavo, 1.000\$; professor primário, da Guarda, 3.000\$; assinante 24467, 10.000\$; M. L., 1.000\$; Rua S. Roque da Lameira, 200\$; J. R., do Porto, 20.000\$; Hospital do Terço, 30.000\$; Supermercado Nutri-pol, 5.345\$; assinante 12.587 fica a orar para que não falte coragem a todos os que trabalham na Obra da Rua. A comunhão cristã a dar frutos! Por intermédio da Federação Portuguesa de Futebol, um contribuinte de Gondomar com milhares de escudos. E que dizer dos mil escudos de uma estudante de Medicina? «Esta pequena oferta é para a Obra do Pai Américo pela qual tenho um carinho especial. É pouquinho, mas para quem não ganha — só estuda — significa muito! Quando acabar o curso prometo que tudo o que puder farei para vos ajudar». Contribui com amor! 20.000\$ de um Adamastor, também com muito carinho; e mais 25.000\$, quase todos os meses, da Sociedade 3 K Portuguesa; Angelina e Raquelina, 200\$; Rua Padre António Vieira, 6.000\$; assinante 23.762, 1.000\$; entregas no Lar do Gaiato do Porto: 200\$, mais 1.000\$00 de Célia, mais 5.000\$. Novamente da Invicta: 1.000\$; Rua S. Pedro de Campanhã, 500\$; por alma do Casal que a morte levou (no mesmo dia), 10.000\$. Umbelino, de Portalegre, muitas presenças. M. C. Mourão, 2.000\$; Raúl Bernardes & Filhos, 5.000\$; assinante 11366 — para lembrar os 25 anos de matrimónio e o nascimento do primeiro neto.

Fernando Dias



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PACO DE SOUSA - Telet. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paco de Sousa